

## **Platão e a Filosofia da Lógica**

*Denise Carla de Deus (PIBIC/CNPq/FUNREI)*

*Orientadora: Prof. Dra. Marilúze Ferreira A e Silva*

### **Resumo**

Segundo Kneale<sup>1</sup>, embora Platão não apontasse o estudo da lógica formal como um fim em si mesmo, ele é sem dúvida o primeiro grande pensador nos domínios da filosofia da lógica.

O presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir o tratamento que Platão deu às questões referentes à natureza da lógica, buscando investigar como estas surgem em suas obras e a natureza da relação entre elas.

### **Introdução**

Segundo Kneale, em Platão a investigação lógica como um fim em si mesma não é favorecida, uma vez que encontra-se vinculada ao estabelecimento de uma verdade moral ou metafísica. Embora não sejam encontrados em seus diálogos nenhum que possua um conteúdo puramente lógico, pode-se verificar, implícitos nos mesmos, a presença de material lógico. O presente trabalho propõe-se a uma discussão sobre o tratamento que Platão dá às questões referentes à natureza da lógica, tomando como base os diálogos *Teeteto* e *Sofista*. Buscaremos investigar o modo como estas questões surgem nos diálogos, além da natureza da relação estabelecida entre elas.

#### **1. A que se pode chamar corretamente de verdadeiro ou falso?**

No que se refere à questão da validade e da falsidade, encontramos nos diálogos *Teeteto* e *Sofista*, duas possíveis soluções para determinar “o que se pode chamar corretamente de verdadeiro ou falso” Uma primeira solução estaria vinculada à palavra “frase”, e outra ao “juízo”

No diálogo *Teeteto*, o conhecimento é identificado com a opinião verdadeira. Ao buscar uma definição para o que venha a ser o conhecimento, Teeteto declara:

Dizer que tudo é opinião, Sócrates não é possível, visto haver opinião falsa. Mas pode bem dar-se que conhecimento seja a opinião verdadeira, o que formulo à guisa de respostas. (PLATÃO, *Teeteto*. pp. 64)

Verifica-se neste trecho através do personagem Teeteto, que Platão vincula o critério do valor de verdade da opinião ao conhecimento. Pode-se, então, considerar que o predicado de verdadeiro ou falso aplica-se no âmbito da opinião (doxa).

Para Platão, opinião tem por objeto uma realidade que situada entre o ser e o não-ser, isto é, está localizada entre o mundo instável e fluente da matéria e do devir. Sendo assim, a opinião é efêmera, não podendo permanecer por muito tempo na alma. A opinião situa-se entre a ciência e a ignorância, é caracterizada essencialmente por uma gênese espontânea na qual tanto sensação quanto memória desempenham funções relevantes.

No mesmo *Teeteto*, encontramos uma explicação de Sócrates sobre o que é a formação da dóxa.

Chamas de pensamento àquilo que chamo de pensamento? (...) O diálogo que a alma tem consigo mesma sobre aquilo que vê. Parece-me que quando a alma pensa, não faz mais do que conversar, fazer perguntas e dar respostas afirmar ou negar. (Idem, p 66..)

Podemos observar nessa explicação uma identificação entre a formação da opinião e o que é pensar. Segundo Kneale, essa identificação entre pensamento ou opinião com o falar denota uma transferência dos predicados verdadeiro e falso para a linguagem. A mesma identificação do pensar com um diálogo interior, encontramos no *Sofista*:

Pensamento e discurso são uma e mesma coisa, com a diferença que o diálogo interior da alma consigo mesma que se processa em silêncio recebeu o nome de pensamento. (...) E a corrente que dela, pela boca por meio de sons, recebe o nome de discurso. (PLATÃO, *Sofista*)

Após a identificação do pensamento com um diálogo interior, a discussão dirige-se para a questão da existência da falsidade, Platão considera verdade ou falsidade como características fundamentais do discurso, ou frase.

Assim, quando se fala a teu respeito, porém tratando de coisas outras como sendo as mesmas e do que não é como sendo, simultaneamente combinação, ao que parece, se substantivos e de verbos é de fato e verdadeiramente um discurso falso. ( Idem. p. 94)

Entretanto, mais adiante no diálogo, o filósofo, aplica esses predicados à opinião, ao pensamento e à fantasia.

Essas duas possíveis soluções ocorrem devido à polivalência de sentidos da palavra *lógos* - que em grego pode significar: palavra, dito, sentença, conversação, razão, inteligência juízo ou opinião<sup>2</sup>. De um lado, podemos aplicá-los às frases, ou à forma verbal, se considerarmos a afirmação: “Há duas maneiras de exprimir o ser por meio da voz: Uma é o gênero dos substantivos e outra, o dos verbos”.(Idem, p91). Pois isto significa que para Platão, um *lógos* completo deve ter um substantivo e um verbo.

Por outro lado, se tomarmos a afirmação: Pensamento opinião e imaginação: não é evidente de início que todos esses gêneros ocorrem em nossa alma como verdadeiros ou falsos?” (p.94). Poderemos indicar como verdadeiros ou falsos algo que surge na alma, durante seu diálogo consigo própria. Sendo assim, o pensamento a opinião e a fantasia podem corretamente ser classificados como verdadeiro ou falso.

Segundo Kneale<sup>3</sup>, estas duas respostas aparecem contentemente na história da filosofia da lógica. Sendo atualmente a primeira associada com a palavra frase e a Segunda com juízo.

## 2. As Relações necessárias

Para Platão, a investigação sobre as relações necessárias devem ser feitas na relação com as Formas. Uma inferência é válida quando no pensamento, segue-se as Formas tais como são. Assim, uma frase pode ser classificada como verdadeira se a composição de suas partes corresponde à mesma relação entre as formas.

As Formas para Platão, corresponde àquilo que, segundo Kneale, os filósofos posteriores chamaram de “universais” Não são coisas, enquanto matéria, nem são idéias no espírito. A forma é uma característica real correspondente a um termo geral, que se aplica ao particular.

Kneale observa que Platão também usa expressões que sugerem não só que as Formas existem separadamente de todos os particulares, mas também que a Forma é um particular típico a cada espécie ou modelo do qual outros particulares se aproximam. Assim, - continua – freqüentemente, Platão chama “qualquer coisa em si”, como “homem em si”, a “causa em si”

No diálogo *Sofista*, Platão sugere que o pensamento correto consiste em produzir ligações entre as formas. Isto significa que inferir validamente consiste em conectar corretamente as formas tais como são. Sendo assim, para Platão uma frase se faz verdadeira quando suas partes refletem a relação correta entre as formas.

O mais radical processo para acabar com qualquer discurso é isolar cada coisa do seu conjunto, pois o discurso só nos surge pronto, pelo entrelaçamento recíproco das partes. (PLATÃO, *Sofista*. P.88)

O trecho acima, Platão coloca que a linguagem é possível à medida em que se admite uma relação entre as formas. Assim, todo discurso onde algo é, deve ser de algo ou sobre algo. A frase “Teeteto está sentado”(263 A), por exemplo, diz algo sobre Teeteto.

Segundo Platão, “a verdade diz de ti as coisas como realmente são” (263 B). O discurso é, pois, verdadeiro quando faz referência às coisas como são.

### 3. As Definições

A procura de definições está presente em muitos dos diálogos platônicos. No início do diálogo *Sofista*, Platão deseja definir o termo “sofista” Segundo Aristóteles, o interesse pelas definições parte de Sócrates e suas tentativas de definir os termos éticos. Na *Metafísica*, Aristóteles diz:

Después de las filosofías mencionadas llegó la teoría de Platón, que en general, está de acuerdo con éstos (los pitagóricos) pero no tiene también cosas propias, al margen de la filosofía de los itálicos. Pues habiendo-se familiarizado desde joven con Crátilo e con las opiniones de Heráclito, según las cuales todas las cosas sensibles fluyen siempre y no hay ciencia acerca de ellas, sostuvo esta doctrina también más tarde. Por otra parte, ocupándose Sócrates de los problemas morales y no de la Naturaleza en su conjunto mas buscando en ellos lo universal, y habiendo sido el primero que aplicó el pensamieto a las definiciones [Platón] aceptó sus enseñanzas, pero por aquel motivo [por esta r familiarizado con las opiniones de Heráclito] pensó que esto [lo universal] se producía en otras cosas, y no en las sensibles; pues le parecía imposible que la definición común fuese de alguna de las cosas sensibles, al menos de las sujetas a perpétuo cambio. Este, pues, llamó a tales entes Ideas, añadiendo que las cosas sensibles stán fuera de éstas [de las ideas], pero según éstas denominam todas [las cosas sensibles] pues por participacion tienen las cosas que son muchas el mismo nombre que la Espécies. Y en cuanto a la participación, no hizo mas que cambiar el nombre; pues los pitagóricos dicen que los entes son por imitación de los números, y Platón, que son por participación, habiendo cambiado el nombre. (ARISTÓTELES, *Metafísica*. A, 6 987-b)

Mas, segundo Kneale<sup>4</sup>, é provável que Platão influenciou-se pela importância da definição em matemática. Assim, como os matemáticos primitivos, Platão considerava, segundo Kneale, a definição como não arbitrária e informativa.

Para Platão, as definições dos termos como “justiça”, “beleza” ou “cor”, por exemplo, não podem ser determinadas pela maneira com que essas palavras são empregadas numa frase. A validade de uma resposta à pergunta “ O que é o belo”, não pode ser estabelecida à partir do modo como as palavras são empregadas.

A imposição das palavras é, em certo sentido convencional, como coloca Kneale. Diferentes palavras podem ser usadas para designar uma determinada coisa. Isto ocorre, por exemplo, com idiomas diferentes.

Desse modo, em Platão, a definição correta, nada tem a ver com a própria palavra. A definição deve indicar a coisa à qual a palavra se refere. O definido é a natureza comum e universal que está presente em todos os particulares, e que faz com que todos sejam unidos. Assim, a definição à qual podemos chamar de verdadeira, é aquela que possui uma entidade designada por um termo universal, compartilhado por cada indivíduo particular.

## Conclusão

Podemos concluir que em Platão, há duas soluções para o problema: “A que se pode chamar corretamente de verdadeiro ou falso?” Platão considera verdade e falsidade como características fundamentais do *lógos*. Em razão da ambigüidade de significados da palavras *lógos*, podemos considerar que esses predicados se aplicam tanto para a opinião, a imaginação e a fantasia, quanto para as frases isto é, para a forma verbal.

As duas soluções encontradas para a questão acima, implicam diretamente na solução encontrada para o problema; “O que torna uma inferência válida?” Para Platão as relações necessárias devem ser feitas com relação às formas. Assim, uma inferência é válida quando ligamos, no pensamento, as Formas tais como realmente são. Mas, Platão também coloca que a linguagem é possível à medida em que admite-se uma relação entre as Formas. Significa que o discurso pode ser chamado de verdadeiro, quando refere-se às coisas como realmente são. Concluimos assim, que como portadores de verdade ou falsidade, Platão considera a *dóxa* e o *lógos*, isto é, o julgamento e a elocução, usados para dar expressão a um juízo.

No que se refere às definições, concluimos que para Platão, as definições é aquela que indica a coisa à qual a palavra se refere. Assim, podemos aplicar á natureza das definições um caráter de essência, ou seja, a definição correta, nada tem a ver com a palavra, mas deve ser dada de acordo com a “coisa em si”

## Bibliografia

- ARISTÓTELES, *Metafísica*. Edición Trilingüe por Valentin Garcia Yebra: Madrid: Gredos, 1990.
- ISIDORO, S.J. Pereira. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951.
- KNEALE, Willian e Martha. *O Desenvolvimento da Lógica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1980.
- PLATÃO, *Teeteto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Sofista*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> KNEALE, Willian e Martha. *O Desenvolvimento da Lógica*. Lisboa. Calouste Gulbekiam, 1980.

<sup>2</sup> ISIDORO, S.J. Pereira. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951. Vb. *Lógos* (Λογος)

<sup>3</sup> Idem, p.21

<sup>4</sup> Idem, p.23